

A formação para cidadania na obra de Graciliano Ramos

The citizenship formation in the works of Graciliano Ramos

Vilani Maria de PÁDUA¹

Resumo: Neste ensaio analiso o conto “A terra dos meninos pelados”, de Graciliano Ramos, na perspectiva de uma literatura cidadã, visto que esta obra, mesmo sendo dos anos 30 do século XX, mantém-se atualizada e viva para discussões instigantes, tanto sobre *bullying*, como a respeito da capacidade humana de encontrar meios para sair de situações difíceis, com a ajuda, inclusive, de boas leituras.

Palavras-chave: Graciliano. Cidadania. Raimundo. Direitos. Crianças.

Abstract: In this essay, we analyze Graciliano Ramos' short story "The land of bald boys", in the perspective of a citizenship literature. Despite the fact of being from the 1930s, this work remains updated and lively which instigates discussions on either bullying as well as concerning the human capacity to find ways to get rid of bad situations, including the help of literature.

Keywords: Graciliano. Citizenship. Raimundo. Rights. Children.

Introdução

A cidadania está ligada aos direitos e deveres do ser humano, e o acesso à literatura é um direito do cidadão. Antonio Candido, indo mais além, ressalta que a literatura deve ser incluída nos *direitos fundamentais* da humanidade, não podendo ser vista apenas como mais uma obrigação de leitura escolar. O homem necessita desse momento lúdico para se manter em paz consigo mesmo e com os outros. O direito à literatura, para Candido, está no mesmo patamar do direito à educação, moradia, saúde, alimentação, porque atende “a necessidades profundas do ser humano, a necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora”, causando desordem social (CANDIDO, 1995, p.241).

Candido ainda compara a literatura ao sonho, pois ninguém vive sem sonhar, assim como não se pode passar vinte quatro horas sem pelo menos uma mínima entrega ao universo fabuloso, que pode ser por meio da música, do noticiário, da canção popular, da moda de viola, da novela de TV, da história em quadrinhos, do causo, da anedota, da parlenda, da literatura infantojuvenil etc. Por isso, alcança a todos, os letrados e iletrados.

¹Doutora pela USP e professora de Literatura Brasileira e Portuguesa da FAFIRE.

Lendo e aprendendo com Graciliano

Um texto que sempre provoca inquietação e encantamento, dentro do universo da literatura para os jovens, é “A terra dos meninos pelados”, de Graciliano Ramos, pelo seu compromisso com o cidadão. Além de tratar da diferença entre as pessoas, mantém-se atualizado exatamente pelo alto índice de *bullying* que vem ocorrendo no mundo, nestes dias de tanta intolerância entre as pessoas, e de certo descaso das escolas, ao não intervirem, deixando, muitas vezes, esta responsabilidade apenas para os pais, causando danos, quase irreparáveis, aos jovens.

“A terra dos meninos pelados” foi escrito em 1937 e naquele mesmo ano ganhou um prêmio do Ministério da Educação. Também foi adaptado para TV, virando um musical em 2003. Assim, tem vida longa, por não ser uma obra datada. Ao contrário, sua atualidade é inversamente proporcional ao atraso de alguns seres humanos que ainda não conseguem viver em comunidade.

Nesse conto, Graciliano nos apresenta um menino que passa por situações complicadas, apenas por ter algumas características diferentes dos demais e, por isso, é obrigado a suportar as provocações dos colegas. E também mostra que é possível conviver com as diferenças, bem como aprender com isso, visto que não somos essencialmente iguais.

O autor abre a história, com a seguinte frase:

Havia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam:
– Ó Pelado! (RAMOS, 2004, p.111).

Graciliano vai desenvolvendo o tema mostrando novos episódios de preconceitos e intolerância, enquanto também demonstra como fica a criança que sofre com os insultos. Ainda apresenta os mecanismos criados pelo menino para continuar vivendo na dificuldade, como escrever com carvão nas paredes: “Dr. Raimundo Pelado”, ou seja, atribuir um grau de importância àquilo que o chateia, na tentativa de sentir-se melhor, já que não consegue se livrar do incômodo. Mas isso não é suficiente, não lhe dá a

segurança almejada, pois continua acuado, todos os outros meninos riem dele, deixando-o sempre na berlinda. É um doutor sem amigos e sem valor.

Talvez esta seja uma das funções da literatura comprometida com os valores humanos, denunciar e também ajudar o leitor a superar certas dificuldades, ainda que não tenha a pretensão nem a obrigação de resolver os problemas da humanidade. Do contrário, anularia os deveres das autoridades. No entanto, o escritor não pode viver numa “torre de marfim” e ignorar o mundo ao seu redor. Como dizia Mário de Andrade falando do seu tempo, mesma época em que viveu Graciliano, *a arte deve ser social e interessada*, isto é, precisa estar ligada à vida, com assuntos que tenham a ver com a realidade (ANDRADE, 2006, p. 6). Principalmente, num país ainda em formação, como era o caso do Brasil nos anos de 1920 e nos seguintes, e que, infelizmente, não mudou tanto como deveria.

Neste sentido, Antonio Candido também aponta Graciliano Ramos como um dos poucos dessa época que souberam juntar forma e conteúdo, apresentar os problemas sociais e ao mesmo tempo manter a qualidade da literatura, ou seja, “soube unir crítica adequada à realização correta”, sem virar um panfleto do partido (CANDIDO, 2000, p. 197).

Assim, Graciliano consegue colocar Raimundo contornando sua agonia e criando mundos de carvão e areia enquanto brinca sozinho. Um dia, fecha os olhos e resolve ir além do que se permite a um menino perambular. Sai pelo quintal de casa e começa a andar sem rumo, morro acima. Acaba encontrando coisas estranhas na terra de Tatipirun, que o próprio já havia criado riscando no chão e modelando a areia; por isso são “coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto” (RAMOS, 2004, p.112). Raimundo sonhava que pudesse existir tudo aquilo para se sentir mais adequado e com seu lugar no mundo.

E passa a encontrar árvores, pedras e animais que falam; carros simpáticos que não atropelam; rios que se movimentam para facilitar a passagem dos pedestres e crianças, muitas crianças, com o mesmo aspecto físico dele. E para completar, a aranha costureira acha a roupa de Raimundo “medonha” e, praticamente, o obriga a vestir uma do seu ateliê, semelhante às que os meninos pelados usavam, deixando-o ainda mais

igual e, também, mais integrado ou adequado. Assim, Raimundo não causa qualquer estranhamento às outras crianças.

Mas, como o convívio com a diferença é um problema em todos os lugares, lá também encontra uma menina que não gosta de seu nome e o chama sempre de Pirundo, para seu desespero. Há também um anão que todos chamam de “nanico” e tem sua opinião sempre rejeitada, por isso, choraminga, então recebe o carinho dos companheiros e rapidamente se recupera. E um sardento que se sente tão estranho, por ser único com manchas no rosto, que gostaria de obrigar a todos terem as mesmas manchas, ainda que não seja perseguido nem provocado pelos companheiros.

Deste modo, Graciliano apresenta variados modos de convivência e aceitação das diferenças do ser humano, visto que não há outra solução senão aprender a lidar com elas. Um é agredido, mas tem uma capacidade maior de entender e aceitar a fala dos companheiros; já o outro não tem qualquer problema de relacionamento devido à própria aparência, mas preferia ser igual aos demais. Essa insatisfação de alguns seres humanos diante da realidade é uma característica que pode gerar criatividade, pois tal inquietação gera questionamentos que ajudam a pensar e a resolver problemas.

E mais, Raimundo é quem faz a mediação e resolve tais questões, pois o problema do outro é sempre menor e mais fácil de encarar que o nosso. Assim, o “nanico” vai continuar a ser chamado de “nanico”, mas tem o carinho de todos; o “sardento” esquece as manchas e vai viver sua vida. E Raimundo fica entre os dois, reclama do nome Pirundo algumas vezes e Talima – a menina de nome não menos estranho – volta atrás, mas no final ele já nem se importa mais com o novo nome.

Não há como não gostar de tal convivência, na qual o personagem se sente vivo e participativo, sua voz é ouvida e não se sente diferente dos seus pares. Todavia, Raimundo estranha outras coisas. Andou muito à procura de uma princesa, sempre caminhando para frente, pois foi informado que ali ninguém nunca voltava; não havia adultos, somente crianças com idades entre 05 e 10 anos; não chovia e o dia ficava sempre naquela hora, fresco e agradável. Não havia noite, portanto. Casas nem pensar. Se estivessem cansados, deitavam por ali, naquela relva macia e fresca, e dormiam. Convidou a todos para brincar de várias brincadeiras, mas ninguém as conhecia, e Raimundo já estava parecendo excêntrico com estas novidades e com tantas perguntas.

Os meninos pelados apenas andavam, cantavam, saltavam e dançavam. Comiam o que lhes era oferecido pela natureza. Não adoeciam e eram muito felizes. “Isso é um fim de mundo!”, reage Dr. Raimundo Pelado, que está ficando enjoado com tudo muito igual e ao mesmo tempo diferente demais daquilo que ele conhecia (RAMOS, 2004, p.124).

Esse espaço fictício e de aparente tranquilidade lembra o mundo de *Emílio*, criado por Rousseau, onde as crianças não deveriam sofrer influências dos adultos e viver entregues à natureza, sob pena de serem deformadas ou degeneradas pela educação (ROUSSEAU, 1990). Esta concepção Naturalista do homem e da sociedade é, subliminarmente, criticada por Graciliano Ramos, quando faz sua personagem ficar chocada com a falta de administração de algum adulto; e, ao mesmo tempo, também ressalta algo de positivo, que é um dos fundamentos da obra do filósofo, educar *com e para* liberdade.

Tantos “encantos” servem exatamente como contrapontos à realidade anterior de Raimundo. Somente assim é possível comparar os dois mundos: o supostamente real de onde Raimundo fugiu, e o dos sonhos, onde ele foi se esconder. E mesmo achando tudo aquilo uma maravilha, pois todos o respeitavam, o tratavam como igual, sente-se incomodado, pois lhe parece igual demais... Por isso, de vez em quando se lembra de que precisa voltar para fazer sua lição de Geografia. Ou seja, a memória sempre joga o ser humano de volta à realidade, pois, não adianta fugir dos problemas, eles estão em todos os lugares. E mais: é preciso lembrar-se das responsabilidades, assumi-las e resolver as pendências. Ele não deseja ficar em Tatipirun, não quer continuar sonhando, quer voltar para casa e, necessariamente, para o outro convívio que tanto o desagradava.

A trama da escrita de Graciliano demonstra uma literatura de alta qualidade. É importante que as histórias sejam bem escritas e estimulantes para que a leitura não caia no vazio. Bruno Bettelheim trata da importância de um bom livro nas mãos de uma criança, e de como é preciso respeitar o leitor, sem subestimá-lo e, assim, ajudá-lo a crescer, como afirma:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança – afirma o psicanalista –, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao

mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 1980, p.13).

E foi isso que o autor propôs a seus leitores, uma literatura que leva a pensar, que coloca os problemas sem dramatizá-los, apresenta a vida sem rodeios, com a complexidade que lhe é inerente, sem esconder suas contradições, pois, não é porque se escreve para crianças ou jovens, que se vá simplificar a ponto de deixar a literatura oca.

Há outros momentos nos quais Raimundo se vê em situações parecidas com as do seu mundo. Um deles é quando as crianças vão pedir a Guariba que lhes conte uma historinha, porém a macaca está muito velha e se autodenomina de Paleolítica; deste modo, mistura os assuntos, conta uma história meio maluca e fica repetindo as últimas palavras até adormecer. Enfim, outra face da memória aparece, pois, traiçoeiramente, deixou-a na mão. Os meninos pelados se irritam e zombam dela. Raimundo, cada vez mais maduro, sai em defesa da Guariba, pois os mais velhos e, conseqüentemente, mais sábios, não podem ser tratados daquele jeito, e arremata:

Meu tio é aquilo mesmo, sabido que faz medo. Mas não fala direito. Resmunga. E engancha-se nas perguntas mais fáceis. A gente quer saber uma coisa, e ele sai com umas compeidezas, que dão sono. Vai resmungando, resmungando, e muda no fim, acaba dizendo exatamente o contrário do que disse no princípio (RAMOS, 2004, p.131-132).

E encerra a questão, colocando a experiência e o saber dos mais velhos em evidência.

Como sua memória continua lhe avisando da lição de Geografia, resolve voltar, ainda que todos os meninos lhe peçam o contrário, ou que, pelo menos, retorne um dia. Ele promete voltar e trazer seu gato *estranho*, com os dois olhos verdes e medo de ratos. Faz um enorme discurso, no qual lembra cada um dos garotos; depois, vai ao local onde deixou sua roupa “medonha”, e, como num rito de passagem, tira o roupão de Tatipirun e veste a sua, numa demonstração de aceitação de si mesmo. Despede-se e volta do mundo dos sonhos um ser humano diferente e melhor. E com certeza nós também, os leitores de Graciliano Ramos.

Considerações finais

Um conto como esse pode perfeitamente, se não ensinar, pelo menos alertar ao leitor sobre a convivência harmônica entre as pessoas, e deveria fazer parte da lista de indicações de leituras nas escolas, a fim de provocar situações que levem ao debate, à troca de ideias. Todos esses ensinamentos serão percebidos por leitores infantis e juvenis, cada um no seu tempo e modo, pois uma obra não se lê apenas uma vez, e a cada leitura é possível que se avance no aprendizado e na percepção das coisas. A criança e a humanidade em geral precisam desse alimento lúdico, que, segundo Jesualdo Sosa, tem “a finalidade de instruí-la, educá-la e diverti-la, quando não as três coisas ao mesmo tempo” (SOSA, 1978, p.29).

Referências

- ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1990.
- SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil: ensaio sobre a ética, a estética e a psicopedagogia da literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

Recebido em: 09/05/2014

Aprovado em: 19/05/2014

Para referenciar este texto:

PÁDUA, Vilani Maria de. A formação para cidadania na obra de Graciliano Ramos. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 4, n. 1, p.62-68, jan/jul.2011.